



Revista Mulemba
e-ISSN: 2176-381X
v.15, n.29, e202361720, 2023

DOI: 10.35520/mulemba.2023.v15n29e202361720

Entrevistas

Entrevista com Dina Salústio

Interview with Dina Salústio

Entrevista a Dina Salústio

Katria Gabrieli Fagundes Galassi 

Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

E-mail: katria.galassi@letras.ufrj.br

Editoras-chefe

Carmen Lucia Tindó Secco
Vanessa Ribeiro Teixeira

Editores Convidados

Cinthia da Silva Belonia
Guilherme de Sousa Bezerra
Mariana Dias
Renata Gomes
Sheila Ribeiro Jacob

Como citar:

GALASSI, Katria. Entrevista com Dina Salústio. *Revista Mulemba*, v.15, n.29, e202361720, 2023. doi: <https://doi.org/10.35520/mulemba.2023.v15n29e202361720>

Katria Galassi (KG): *Eu estou estudando os livros Mornas eram as noites e Filhos de Deus – para minha tese de doutoramento na UFRJ/Letras Vernáculas – pensando nessas mulheres de 1994 e de 2018. Como a senhora descreve a mulher cabo-verdiana hoje?*

Dina Salústio (DS): A mulher cabo-verdiana hoje é uma mulher mais valorizada. Quando eu digo hoje, digo num horizonte depois da independência. Quando eu escrevi *Mornas eram as Noites*, pouco tempo depois da independência e agora, acho que houve uma grande evolução. Nós temos instrumentos legais que permitem que a gente tenha mais consciência do nosso valor. A gente antes, por exemplo, não tinha, sei lá, podíamos ter um filho e registrarmos sem pai. Estás a perceber? Com pai inexistente ou anônimo. Depois criaram as leis de que não há filhos incógnitos. Hoje temos consciência de que todos nossos filhos têm direito a ter um pai reconhecido pela lei. Isto já é um ganho, que nos dá mais tranquilidade, nos tira menos vergonha em face aos nossos filhos. Quando falo a gente obviamente estou falando de uma parte da população, não da generalidade; estamos falando de uma parte de crianças, que é uma coisa importante.

Com certeza as mães tinham vergonha de dizer ao filho que ele não tinha pai. Mas agora a lei tira-nos esse peso. Eu acho que isso é importante. Tudo isso dá-nos mais consciência do valor que a gente tem. Outra coisa é que somos reconhecidas na sociedade como motor principal no sustento das famílias menos favorecidas. Quer dizer, nós temos consciência disso e isso valoriza o papel da mulher enquanto mãe, enquanto cidadã e enquanto voz junto da sua família. Antes era uma coisa que ninguém percebia que era ela que sustentava a casa, não era reconhecida, mas hoje, porque a sociedade reconhece que há leis, ela tem consciência desse poder. É um poder mínimo, pode ser que seja, mas de qualquer modo ela tem essa consciência. É um poder perverso, eu acho que um poder perverso, poder sustentar a família, mas ela tem consciência desse poder e a sociedade também e por aí fora.

(KG): *Dina, para nós aqui no Brasil existe muito a questão racial. Eu não percebo tanto nos seus textos a questão especificamente racial. A gente sabe que Cabo Verde foi constituído de vários povos trazidos durante a época da colonização. Como a senhora percebe essa questão em Cabo Verde?*

(DS): Nós colocamos muito esta questão quando estamos juntas ou quando estamos juntos, nós os cabo-verdianos. Porque quando estamos lá fora somos confrontados com essa questão e custa-nos a responder. Porque em Cabo Verde o que se dizia, claro que houve uma altura em que estava muito bem definido quem era negro, quem era branco, quem era mestiço. Tanto estava definido que houve lutas políticas pelo menos entre os mestiços e os brancos. Lutas por um lugar proeminente, lutas por um cargo. Portanto existia claramente essa questão entre negro e mestiço. Com o tempo, com as fomes, com as diversas lutas que tivemos por sobrevivência, começou-se a se dizer que branco era quem tinha dinheiro. Então o negro com dinheiro era branco; um branco sem dinheiro era negro. De qualquer modo era um negro, em uma escala superior ao negro-negro. Porque a cor sempre teve uma influência em Cabo Verde. Agora não. Já tivemos o primeiro que era um negro, o segundo presidente era um negro, mais mestiço, o terceiro um mestiço mais claro, um quarto branco e o quinto um mestiço. Quer dizer, tranquilamente a gente convive entre negros e mestiços. Se formos ver as populações é interessante que ainda se nota que as populações do interior das ilhas, onde houve mais presença da escravatura, são pessoas em sua maioria camponesas e que ocupam ou ocupavam uma condição menos privilegiada. Mas agora com as escolas por todo lado, com as universidades, com boas políticas, não precisamente viradas para a questão do racismo, mas políticas de igualdade, políticas da extensão social.

(KG): *Uma coisa que tenho visto nas suas entrevistas e li na obra de Simone Caputo sobre a literatura cabo-verdiana são os termos “ilhéu da espera” versus “ilhéu da busca”: onde se encaixa a mulher cabo-verdiana nessa dualidade?*

(DS): Eu acho que a mulher está mesmo no ilhéu da busca. Da espera eu acho que é um ato existencial. Veja você que nós estamos no meio do Atlântico. E naturalmente que o Atlântico fizesse em nós o movimento da espera, de expectativa, o que que vai ser do futuro. E isso logo também é um bocado de insegurança. Sobre a busca: a mulher está sempre na busca. Eu acho que ela nunca parou de buscar. É tão flagrante que eu penso que se ela não houvesse o que buscar ela iria inventar. Ela vai buscar a água, vai buscar comida, vai buscar carinho para os filhos, vai buscar esperança onde não há, vai buscar até fantasias para se alimentar, percebe. Com certeza que nessa busca ela busca a vida. Ela viaja por continentes, ela viaja por países desconhecidos, por línguas desconhecidas, no comércio informal, na busca por uma vida melhor. Ela desde muito novinha que ela migra para lugares sem saber nem ler nem escrever, ela vai por esse mundo fora. Mas aí é a busca positiva, a busca por sobrevivência, mas também é a busca emocional. O que é um bocado perverso também, porque atrás do equilíbrio emocional, atrás da busca do equilíbrio emocional ela muitas vezes também perde o centro. Vejamos por exemplo uma mulher que tenha dois filhos, um de cada pai. E depois arranja um terceiro namorado e ela diz “esse homem que vai dar segurança para os meus filhos”. Percebe, ela espera, cria expectativas. E depois, essa busca de segurança, essa busca de felicidade, ela torna a perder o pé, arranja mais um bebê. Mas felizmente nós estamos cá em Cabo Verde agora, depois da independência. Acho que para cada mulher tínhamos cinco filhos e meio. Hoje já estamos nuns 2 filhos e já estamos a dizer que é muito pouco. Dizem que é pouco, mas não perguntam às mulheres se é pouco. Isto é busca do equilíbrio também.

(KG): *Dina, nos seus livros de contos e crônicas, você diz que conta sobre histórias que você viu ou escutou. Minha curiosidade é saber se a senhora conseguiu reencontrar algumas dessas mulheres que deram corpo às suas histórias.*

(DS): Katria, cá em Cabo Verde, quando a gente escreve uma crônica, no dia seguinte você vai à um café, uma esplanada, bastantes pessoas dizem logo: Oh, Dina, eu sei para quem é que tu escreveste aquela história, eu sei de quem é aquela história. Mas isso acontece comigo e acontece com toda a gente. Porque toda gente pensa que sabe a história de toda gente, percebe. E então dizem-me logo: a crônica que tu escreveste passou-se no sítio A, B, C com o A, B, D e escrevem uma outra crônica completamente diferente. Porque nós estamos em um lugar muito pequeno e conhecemos todos e andamos a falar com todas as pessoas. Eu já encontrei pessoas que me pedem

para escrever a sua história. Geralmente colegas minhas, colegas mais novas dizem: temos que escrever a minha história. Porque nós todos pensamos que temos uma história para contar e a verdade é que cada um de nós é uma história. Ao fim ao cabo uma pessoa só se define porque é uma história. Se não tivesse história não era pessoa. Então todos querem ver-se numa história escrita, de uma maneira mais ou menos simpática. Quando eu encontro pessoas, eu não falo no que eu escrevo, eu não falo, mesmo que digam que isso se passou comigo, se passou com A, B, C, D. Eu não comento porque eu acho que já atingi o limite de entrar na privacidade do outro. Depois que eu escrevo, fica anônimo e eu perco a pessoa na minha cabeça.

(KG): *Dina, quando eu te entrevistei em 2021, perguntei sobre sua produção, o que você estava escrevendo, você me disse que estava um pouco mais parada, um pouco triste com as coisas que estavam acontecendo no mundo com a covid, o coronavírus. Depois eu assisti a uma entrevista sua, feita com o Humberto, do programa Ler nas Ilhas, que você já diz que tem alguma produção em curso. Como está essa sua produção?*

(DS): Já está quase pronto, é um romance. Eu acho que falta por umas vírgulas e tirar outras, mas essa parte final que leva mais tempo, onde eu preciso me concentrar para não perder o fio. Estou cuidando das minhas netas pequeninas – uma de 12 – e eu fiquei um pouco mais preguiçosa. Mas vai sair agora em maio. Está com a *Rosa de Porcelana* que vai publicar, da Márcia e o Filinto. Pensei até em enviar para um concurso, mas já não tem tempo. O concurso era agora em maio, mas não deu tempo. Deve sair lá pelo verão, ou dezembro.

(KG): *Esses dias você deu uma entrevista para Geni de Brito em um podcast (Todas as Vozes – conversas com Mulheres do Atlântico Afro-Luso-Brasileiro, 3º episódio) e ela te perguntou como seus livros chegam às mulheres. Você disse que essa leitura dos seus livros começa nas escolas, na verdade começa com as meninas te lendo. O que a senhora pode compartilhar sobre o nível de analfabetismo em Cabo Verde, se ele é muito alto, se ele atinge mais mulheres do que homens. Como é a construção da formação educacional da mulher?*

(DS): Aqui em Cabo Verde temos uma percentagem de analfabetos muito residual. Quase toda a gente vai à escola. Depois da independência temos uma porcentagem muito baixa de analfabetos. Nós temos uma baixa altíssima. Tínhamos 62% de analfabetos de homens e mulheres e as mulheres iam para 70%. Nesse momento, nas escolas, todas as meninas, todos os meninos são obrigados a irem à escola nos 5 primeiros anos ou 6. E o que nós vimos é que as meninas estão a ter melhores resultados que os meninos. Mesmo para os cursos da formação superior as meninas

têm tido melhores resultados do que os meninos. Quer dizer que nós já conseguimos a igualdade. Mas estamos a cavar uma desigualdade na população, porque nós não queremos que os rapazes sejam analfabetos, sejam menos preparados, com menos formação profissional, porque se não vai criar revolta neles. Vai dar origem à violência. A gente sabe que muitas vezes a violência é a desigualdade que existe entre as pessoas. Então se nós estamos a resolver o problema das mulheres, estamos a criar o problema dos homens, os problemas são a mesma coisa. Nós queremos uma sociedade igualitária. A gente não alimenta nas meninas um conceito de superior porque tem mais formação, porque se o parceiro, em princípio parceiro, pode ser irmão, primo, marido, companheiro, namorado, etc, tiver menos formação não há felicidade, não há conversa, não há troca de ideia, não há nada. E há violência. Nós, em Cabo Verde, estamos muito bem nisto. A alfabetização toda gente já está alfabetizada – há um pequeno resíduo; formação normal superior profissional as meninas nem tanto. Agora, em termos políticos, em termos de chefias, em termos de voz, o parlamento, no governo, na justiça, os homens continuam a ter, apesar de tudo isso que eu disse, os homens continuam tendo a primazia. Porque já é uma coisa herdada, a gente já herdou isto antes da independência. Os homens estavam no parlamento, estavam no governo, enfim em todo lado. Depois fomos entrando, mas de qualquer maneira são porcentagens muito pequenas. Nós temos uma lei da paridade, na Assembleia da República, em que pelo menos para os próximos anos, pelos próximos 3 anos, 40% dos deputados tinham que ser mulheres. Mulheres em lugares elegíveis, nas listas. Geralmente colocam as mulheres em lugares não elegíveis, então era o mesmo problema. Estamos a fazer isso, estamos a conseguir algumas coisas. Embora quando você vê uma reunião é, de fato, homens, homens, homens. Há outras mulheres que não chegam. Cá em Cabo Verde não chega.

(KG): Ainda sobre sua entrevista com a professora Geni, vocês comentaram sobre o apagamento das mulheres, eu acredito que se referindo há anos atrás, e sobre aquelas que queriam se mostrar ou lutar contra esse apagamento e que eram um pouco malvistas. Como que a senhora vê agora, essas mulheres que lutam contra o seu apagamento, que estão a lutar pelos seus direitos, que estão a querer falar, como são essas mulheres agora?

(DS): Eu costumo dizer que as mulheres de agora, as jovens, não tem nada a ver com o que nós fomos. Nós somos de uma geração calada, bem comportadinha. E bem comportada é aceitar estar lá, fingindo que estava tudo certo, fingindo que havia felicidade. Não sei quem que inventou essa palavra. Mas nós pensávamos que éramos todos felizes. Pensávamos não, nós tínhamos que mostrar que éramos todas felizes, não quer dizer que nós pensássemos isso. Eu quando criança lembro das mulheres mais velhas que se falavam e comentavam da vida delas, da vida da

família, do quão revoltadas elas eram. Portanto não eram domesticadas, não estavam domesticadas. Elas calavam-se por questão de sobrevivência, elas tinham consciência que estavam condicionadas por um querer, que era o querer dos homens para elas ficarem silenciadas, não terem voz, não terem opinião. Quando se tinha qualquer problema reuniam-se os homens para discutir se o filho ia para um curso, se a filha ia para um curso. Juntavam-se os homens para ver se punham um teto em casa, se era de madeira, se era de cimento. As mulheres depois é que iam falar em particular com os companheiros. Mas, quando era para tomar decisão, os homens é que se juntavam à porta de qualquer lugar para discutir os assuntos. E éramos silenciadas até pela educação formal. Pela lei as mulheres começaram a estudar até o quarto ano e só depois de 1917 é que a mulher vai estudar o quinto e o sexto ano. A partir de 1917 é que as mulheres têm acesso. As mulheres ricas ou filhas dos fulanos iam estudar fora ou tinham professores particulares. Agora para a população é só a partir de 1917 é que começa a ter o quinto ano – o vosso, o meu, o nosso é igual. Hoje, temos consciência, que nós quebramos os silêncios em vários domínios. Temos consciência que podemos lutar porque a lei permite e nós temos esse direito de quebrar todos os obstáculos que nos impedem de ser pessoas completas. E estamos a quebrar os obstáculos, estamos a saltar esses obstáculos, esses espaços e a firmar-nos como mulheres – na política. Acho que é um fato mundial, porque se vê no mundo inteiro, quando se vê no noticiário, a cara ainda é do homem, a voz é do homem. As mulheres precisam se convencer que estão a fazer muito barulho, mas não estão a conseguir resultados. Nós temos uma parte afetiva que nos prende muito, nos amarra, que a gente ainda não sabe orientar muito bem nossa parte afetiva, porque ela prende-nos muito a situações que nos impedem de ser mais livres.

(KG): *Com relação ao prêmio Rosália de Castro que você recebeu em 2016 na Espanha, prêmio que leva o nome de uma mulher que foi considerada fundadora da literatura Galega Moderna, o que ele representa para você?*

(DS): O prêmio Rosália de Castro foi um reconhecimento que eu não esperava, sobretudo pela pessoa que é Rosália de Castro. Uma pessoa que lutou pelo seu povo, uma pessoa que sofreu isolamento, uma das viúvas da Galícia. Eles chamavam os filhos dessas mulheres de “órfãos de pais vivos”, devido à imigração para Argentina e América Latina. O que ela fazia para cantar o seu povo, o orgulho que ela tinha no povo dela, que era um povo simples... eu penso que fiquei mais mulher quando eu consegui esse prêmio, sabe? Porque me chamou atenção que eu não sou mulher apenas porque sou, mas porque tenho outras companheiras. Sou mulher porque tenho outras companheiras com os mesmos sonhos, os mesmos direitos, os mesmos problemas, as mesmas dificuldades e com as mesmas possibilidades. Isso é que é o positivo para mim.

(KG): *Uma história que eu gosto muito é “Sopa de Coentros”, que você escreveu no livro Filhos de Deus. Qual foi sua inspiração? Porque ali a gente percebe a figura dessa mulher forte, que era a líder daquele grupo, que fez uma ação para o carnaval.*

(DS): A São. É uma história verídica. É uma história que se passou com a São. Ela me pediu para escrever a história. Quando eu trabalhava com o Ministro da Cultura aqui na Ilha de Santiago e isto passou-se na Ilha de São Vicente com o grupo de Carnaval. No final do carnaval o Ministro da Cultura foi visitar a ilha e reuniu-se com os grupos de carnaval, os chefes dos grupos eram para ir. E fizemos um jantar. Então cada um contava suas coisas e depois a São contou essa história. Ela então disse-me: Dina, estou a contar essa história, para tu contares. E então eu contei.

(KG): *Ah, eu acho essa história muito linda...*

(DS): Eu também gostei dela, é por isso que escrevi a história. Eu sinto o cheiro, sabe. Eu sinto o cheiro daquela história.

(KG): *Eu senti o cheiro.*

(DS): Eu acho que eu fui feliz porque consegui reproduzir a história daquela gente. Portanto, a história não é minha, as palavras não são minhas – uma ou outra eu faço a ligação. Mas é o cheiro, aquele cheiro do carnaval, aquele frio do carnaval, aquele cheiro que vem do mar, as praças e as pessoas no seu bloco, e que é dessas pessoas, acho que eu consegui uma história para ser lida.

(KG): *Eu queria saber o que a senhora vê de ligação entre a culinária cabo-verdiana e as mulheres: as mulheres donas de casa, as mulheres que trabalham fora, as mulheres que vivem da pesca, o que na sua visão, qual a relação e como você descreve a relação das mulheres com a culinária?*

(DS): Katria, você tocou um ponto que eu acho que não vou saber responder, porque eu detesto cozinhar por obrigação. Por exemplo, quando à noite, quando eu tinha família, agora não tenho mais família, tenho meus filhos espalhados, moro em cima dos meus filhos e netos, mas em princípio, estou no meu canto sozinha. Mas quando eu “tinha família” e a noite a empregada dizia: o que é o almoço amanhã, o que é o jantar amanhã, eu só não podia matá-la, rsrs. Porque imaginar o almoço amanhã para mim é uma coisa difícil. Eu gosto de cozinhar, agora já gosto de cozinhar, porque faço coisas pequeninhas, pouquinhas para mim, quando eu quero. Por exemplo, não cozinho todos os dias, porque eu vou buscar comida, ou vou comer nos meus

filhos ou na casa dos meus amigos. Agora a culinária em Cabo Verde, ao fim ao cabo é existência. É nossa existência. Eu li um texto quando eu era estudante do quarto ano ou quinto ano, se não estou errada, o qual dizia: A fome é que movimenta o mundo. Acho que era algo assim, numa seleta literária, numa seleta portuguesa – que dizia que a fome é que move o mundo. A fome foi o que moveu Cabo Verde, a fuga da fome. Porque nós somos um país de secas, somos um país sem recursos, somos um país que esteve durante muito tempo numa linha. Eu vivo a dizer que estamos no fio da navalha. Qualquer desequilíbrio às finanças, qualquer desequilíbrio na orientação política do país, qualquer desequilíbrio internacional, atira-nos para um lugar chamado fome. Então, de fato a culinária, é fato que há uma viagem. Mas quando se fala de alimentação para sobrevivência eu penso que não se fala em culinária, fala-se em comida. Quando se fala em culinária fala-se das nossas receitas, no que nós conseguimos fazer. Nós temos pratos maravilhosos que a gente conseguiu fazer com os recursos que a gente tem. E sobretudo nós somos muito indisciplinados a comer. Nós comemos muita gordura, comemos muito feijão, muito milho. E não há nada que se faça em Cabo Verde que não haja uma coisinha de culinária: para se discutir política, para se enterrar um morto, para celebrar um nascimento é tudo à base de uma festa com culinária, de culinária. E agora já não há fome, não há aquilo que eu disse de sobrevivência dramática, um fio da navalha entre nós. Nós vivemos hoje, em 2023, já mais descontraídos, porque nós também brincamos.

(KG): *Tem um outro conto também no Mornas eram as Noites, chamado Os caminhos insondáveis do profeta, que trata de uma mulher que está fazendo uma comida e que deixa queimar essa comida. Vê-se ali que há a cumplicidade da outra mulher que estava junto e que fala que assim que era a receita. Há muita cumplicidade entre essas mulheres, que se dá ali no preparo da comida, na cozinha mesmo.*

(DS): É por isso que eu te disse, Katria, que nós fazemos tudo com comida. Ao sétimo dia temos que fazer uma festa de comida, por causa dos espíritos. O sétimo dia do bebê: toda gente junta-se e faz comidas. E por que? Porque no sétimo dia a gente diz que as Bruxas já não vão matar o bebê. E isso tem uma história, porque mais antigamente tinha muita mortalidade infantil, sobretudo ao sétimo dia por causa do tétano. Era uma infecção que os miúdos apanhavam e morriam ao sétimo dia. Por que apanhavam essa infecção? Falta de cuidados quando se corta o umbigo: punham cinzas, punham lama de terra, o que houvesse. Não era nos hospitais, era nos outros lugares, nos campos. Então havia alta mortalidade infantil por causa do tétano, até a independência, não faz muito tempo, até há 50 anos, morria-se muito de tétano. E dizia-se que era a bruxa que comia as crianças. Então, aconteceu criarem um ritual, no sétimo dia. Para a bruxa não vir matar o menino, dizia-se que a

bruxa comia o menino, então fazia-se comida, festas, muito barulho para afugentar a bruxa. Festa do sétimo dia, que ainda hoje existe em todas as famílias. É a história do sétimo dia. Hoje já não temos tétano, graças a deus, porque os partos são feitos nos hospitais agora.

(KG): Era isso que eu havia planejado e foi muito mais especial do que eu imaginei, porque é sempre muito especial estar com você, te escutar e realmente aproveitar desse seu tempo que é tão precioso para mim. É uma grandiosa honra estar aqui conversando com a senhora, te admiro muito, daqui de longe. Espero que um dia possamos nos encontrar.

(DS): Obrigada, Katria. Foi um prazer, é uma honra ter você a estudar a minha obra. É um valor que você acrescenta àquilo que eu escrevo. Outros olhares sobre aquilo que a gente escreve dá outra dimensão, dá outra interpretação. E sobretudo você fica a conhecer Cabo Verde, fica a conhecer o meu povo fica a conhecer as ilhas e um dia, quem sabe, venha acá.